

O LABIRINTO INVERSO

DIOGO CAPELO (VENCEDOR DO I CONCURSO LITERÁRIO DE CONTOS DE
INSPIRAÇÃO CLÁSSICA 2014, ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO)

Muito se sabe acerca de Dédalo, o habilidoso artesão que construiu maravilhas e inspirou a imaginação de várias gerações. No entanto, sabe-se muito pouco acerca daquele que se tornaria, sem querer, o seu último discípulo. Fala-se não de Pérdix, que seria alvo da estranha misericórdia dos deuses (que normalmente consiste nalguma medida de transformação de seres humanos em pássaros), mas de Matteus Inversi.

Matteus Inversi era o que se poderia chamar um indivíduo frustrado. Felizmente, é um facto intemporal amplamente comprovado que a frustração exerce sobre algumas personalidades a mesma força que o entusiasmo; transfere a alguns pensamentos o mesmo ímpeto e possibilidade de acção que, sob circunstâncias mais regulares, o pode fazer a necessidade. Aquilo que frustrava Inversi, arquitecto novo mas de potencial reconhecido, era a incapacidade de descobrir a forma perfeita que lhe cabia - e que, por isso, não era de mais ninguém - que faria todas as outras formas inapropriadas das suas conjecturações adquirir contornos mais amigáveis, mais tratáveis, e assumir ordeiramente os seus lugares no panteão de sucessos e grandezas que acreditava plenamente estar-lhe reservado. Tinha, nesta demanda, uma vantagem: uma informação fundamental, o que lhe parecia apropriado. Ele sabia que os homens comuns eram aqueles que inventavam coisas que pudessem ser feitas de certas formas, enquanto que os heróis eram aqueles que inventavam formas de poder fazer certas coisas. De que outra maneira se poderia explicar que ganhassem nome a competir com os deuses pelos limites do que é possível ou impossível?

Havia, no entanto, um problema de carácter prático. Inventar uma forma não é tarefa fácil, não se trata simplesmente de aglutinar duas formas já existentes, de pegar numa forma e adicionar vértices ou arestas a gosto, ou de dispô-la ao contrário. Isso tratar-se-ia da culinária ou do corte e costura da forma, e Inversi via-se a si mesmo mais como um alquimista da forma. Tratava-se, isso sim, de descobrir uma nova natureza, previamente desconhecida, e de sublimar, destilar e decantar aquilo que já existe até que essa nova virtude viesse à tona e reclamasse a forma como sua expressão: aquilo que, pensava o arquitecto, a circularidade tinha feito com os círculos, ou que a triangularidade tinha feito com os triângulos. Porque até estas formas, acreditava, agora gastas por séculos de utilização perfunctória, tinham sido, um dia, grandes inovações artísticas e técnicas.

Começou então Inversi por perceber o que o chateava nas formas antigas: eram formas demasiado familiares. A todo o instante via trabalhadores a dispôr pedras iguais para formar edifícios iguais e perguntava-se como poderiam esperar que o seu trabalho resultasse em algo diferente e, por isso, memorável. Matteus percebia bem a ilusão da familiaridade, sabia como os traços mais habituais são aqueles que precisamente escorregam melhor pelos olhos sem serem verdadeiramente vistos. Então, planeou a casa para onde se mudou com um desenho tão habitual e comum que conseguia ser, aos olhos dos homens, completamente invisível. Nesse lugar, apenas, encontrava o jovem mestre refúgio da banalidade das formas e das pessoas que, de tanto existir entre elas, começavam a adquirir aos seus olhos os mesmos contornos.

Foi nesse lugar que Inversi, que como os grandes artistas sabia antes mesmo de se aperceber disso que para descobrir o que ainda não existe é preciso partir do que se conhece, começou por conduzir o seu primeiro conjunto de testes. Como receava a intrusão e possível contaminação indiscriminada do seu trabalho pelas formas exteriores, resolveu-se em construir para dentro, em vez de para fora, de modo que quando terminou, tinha várias casas diferentes construídas

totalmente no interior da sua casa, até quase não lhe sobrar espaço para mais nada. Mas sendo um perseguidor da perfeição, mostrou-se insatisfeito com todas elas, e rapidamente deu origem a um novo conjunto de testes, que viram novas casas, em estilos e com formas ainda diferentes, construídas dentro das casas que tinham consistido nos seus testes anteriores, e que eram o único lugar onde estas novas construções cabiam.

Certo dia, passados vários ciclos de construção, desapontamento e reconstrução dentro das construções anteriores, terminava de instalar uma porta quando se deu conta de um problema. Tanto tinha construído e reconstruído, que não conseguia lembrar-se do caminho para sair de casa. Certamente teria que haver um: afinal, ele tinha conseguido chegar até ali. Estava efectivamente preso dentro de uma forma aberta, e essa descoberta tão simples abalou-o tão profundamente que soube imediatamente estar na presença de uma desses novos estados da matéria, exactamente aquilo que procurava. Tinha, sem querer, transubstanciado a sua residência. Depois de ter, com grande custo, encontrado a saída daquilo que tinha construído, correu em êxtase para o fórum, onde começou a expor a sua ideia a todos quantos quisessem ouvir. Mas os ouvintes, que não tinham passado quantidades indiscerníveis de tempo dentro de uma casa praticamente invisível a construir outras casas e, por isso, estavam melhor equipados para constatações óbvias, rapidamente perdiam o interesse, chegando alguns deles inclusivamente a rir-se dele.

“É de vós próprios e da vossa ignorância que riem,” investiva Inversi, mas entre a troça e o desprezo, lá lhe fizeram ver que deveria ter ido a Creta antes de vir ao fórum. Quando perguntou porquê, disseram-lhe: “por causa do labirinto.”

Ao chegar à ilha de Creta, o arquitecto ouviu falar de uma célebre construção que albergara, em tempos, o minotauro, a tal chamada

de labirinto. Quando chegou ao lugar, e apesar dos avisos dos guias que o tinham levado até lá, penetrou nos corredores esquecidos com curiosidade e reverência. Durante alguns dias, ouviram-lhe a voz que falava de linhas ao mesmo tempo abertas e fechadas, de uma forma que mantinha algo lá dentro sem no entanto lhe impedir o acesso, de algo que, uma vez feito sobre o espaço, não o restringia, não o diminuía, não tirava alguma coisa para a substituir por outra equivalente, antes adicionava espaços ao espaço que ocupava. Alguém antes dele tinha já descoberto e refinado aquela forma, mas nas paredes do antigo labirinto, Inversi continuou a sua demanda.

Muito depois de os guias terem perdido a esperança de que Matteus encontrasse a forma de sair do labirinto, ele ainda percorria os seus caminhos, maravilhando-se com o facto de importar pouco se uma parede inicialmente projectada se havia desmoronado, abrindo um caminho onde antes não havia nenhum e barrando o acesso a um outro originalmente concebido, porque o propósito da obra, afinal, se mantinha inalterado. Não só uma forma repleta de segredos, cujas linhas pertenciam mais a si do que àquilo para que serviam, como uma forma que não podia ser destruída aos poucos, apenas continuamente reinventada.

Ninguém sabe o que sucedeu a Inversi depois dessa incursão pelo labirinto de Creta, e se alguma vez lhe encontrou o centro (onde já não residia nenhuma quimera) ou a saída é difícil de dizer com toda a certeza. O que é certo é que descobriu no interior do labirinto em ruínas que a forma que procurava era a mesma coisa, mas na direcção oposta, ou seja, que a forma que ele desejava conceber era algo igualmente aberto e fechado, mas que permitisse a saída de coisas que nunca tivessem começado por estar lá dentro: um labirinto inverso. Esperava que, como o labirinto original (um colosso de engenho) tinha sido derrotado por uma simples linha nas mãos de Teseu, o seu, sendo o inverso, crescesse na presença de coisas simples, em vez de se desmoronar.

Alguns contadores de histórias avançaram que depois de muitos anos de tentativas falhadas de construir o que, por virtude da sua natureza,

a pedra não consegue replicar, Matteus desistiu e dedicou-se ao rentável negócio da projecção de grandes armazéns, colossos de espaço vazio e memórias transitórias, como ele próprio. Havia também quem dissesse que ele ainda continua no labirinto, algures, procurando nas arestas das pedras derrubadas pelo tempo as linhas necessárias à sua própria construção, e que quando terminar, os dois labirintos, de Dédalo e de Inversi, se irão cancelar um ao outro, revelando por debaixo de si a terra por onde começam todas as construções.

A verdade é que, muitos anos depois, numa cidade costeira com o nome de um rei, um homem muito velho, com fama de sábio e um nome diferente aconselhou o filho desse rei a erigir uma torre enorme, altíssima, erguendo-se como um pináculo acima de todos os mercados, todos os palácios e todos os templos. Nessa torre, uma única escada em caracol talhada das paredes sobe até ao topo: um só caminho, repetido muitas vezes sobre si próprio, sempre igual a si mesmo, sem consentir nenhum desvio nem possibilitar alguma perda de orientação. Lá em cima, nada mais do que um jardim de pequenas árvores fragrantas, uma grande fogueira que ilumina sem queimar e o ocasional visitante, cansado da subida mas com o privilégio da vista. Do topo dessa torre se projectaram muitos mercados, palácios e templos.